



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ENTRE O ERA UMA VEZ E AS CONEXÕES EM REDES: COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DO ESPÍRITO SANTO

BETWEEN WAS ONCE UPON A TIME AND CONNECTIONS NETWORK: INFORMATION LITERACY OF STORYTELLERS IN ESPÍRITO SANTO

Meri Nádia Marques Gerlin¹, Elmira Luzia Melo Soares Simeão²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Conectando-se em redes híbridas o contador de histórias contemporâneo interage com um número maior de pares, público e outros sujeitos que fazem parte da aldeia global. Esse profissional precisa ter competência no campo da informação, a fim de aproveitar potencialmente os recursos que a internet oferece com a finalidade de buscar, recuperar e usar efetivamente a informação nos espaços de mediação. Essa comunicação dá visibilidade a uma frente de pesquisa que teve como objetivo averiguar as habilidades que os contadores de histórias possuem para o desenvolvimento da competência em informação, ao tornar visíveis conexões em redes voltadas para a prática profissional no Estado do Espírito Santo. Partindo das ações de uma pesquisa de doutoramento, consubstancia-se mediante ao estudo que envolveu 68 narradores de histórias, procedendo-se a aplicação de um questionário contendo “Indicadores de perfil e contexto das competências dos contadores de histórias do Estado do Espírito Santo” e a realização de entrevistas individuais e coletivas em eventos para consolidação das análises. Os resultados dá visibilidade a um conjunto de habilidades que compõem a competência em informação dos contadores de histórias profissionais da região em que a investigação foi realizada. Foi constatado que esses profissionais compartilham a informação narrativa em espaços híbridos, porém, que ainda assim precisam aprimorar as suas habilidades no ciberespaço, aprendendo a compartilhar informação e conhecimento produzido em redes digitais. Apesar dessa fase da investigação ser realizada no Espírito Santo, entende-se que o movimento de apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação que alimentam as redes dos narradores, se assemelha ao movimento de contadores de histórias das diversas regiões brasileiras e que a mediação com as redes tende aproximar e potencializar a colaboração que a internet proporciona.

Palavras-chave: Contador de histórias. Competência em informação. Redes de conexão e mediação.

¹ Professora Adjunto do Departamento de Biblioteconomia do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Ufes. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

² Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Mestre em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Abstract: *Connecting in hybrid networks the contemporary storyteller interacts with a larger number of pairs, public and other subjects that are part of the global village. This professional must also have competence in the field of information, to potentially utilize the resources that the Internet offers in order to search, retrieve and use information effectively in mediation spaces. This communication gives visibility to a survey which aimed to discover the skills that storytellers have for the development of information literacy, to make visible connections in networks geared to professional practice in the State of Espírito Santo. Starting from the actions of a doctoral research, based on a study of 68 storytellers, applying a questionnaire containing "profile indicators and context of the competence of storytellers of the State of Espírito Santo" and conducting individual and group interviews at events for consolidation analysis. The results give visibility to a set of skills that make up the information literacy of professional storyteller of the area where the research was conducted. It was found that these professionals share the narrative information in hybrid spaces, however, that still need to hone their skills in cyberspace, learning to share information and knowledge produced in digital networks. Although this phase of the investigation be carried out in the Espírito Santo, it is understood that the appropriation of Information and Communication Technologies that feed the networks of narrators, resembles the movement of storytellers from various Brazilian regions and mediation with the networks tend to approach and enhance the cooperation that the Internet provides.*

Keywords: *Storyteller. Information Literacy. Connections Network and mediation.*

1 INTRODUÇÃO

O contador de histórias do século XXI pode ser descrito como um grande mediador³ que se apropria de técnicas de origem da cultura oral e escrita, ao mesmo tempo em que usa recursos que as tecnologias de informação e comunicação oferecem. Adquire habilidades diferenciadas para o exercício de sua profissão⁴ em centros urbanos e interioranos, desenvolvendo uma ação de mediação que fortalece a cultura regional. Devido à característica universal das histórias narradas, adota o recurso da (re)escrita de contos brasileiros e de outras procedências e, assim sendo, histórias⁵ de origens variadas podem ser (re)produzidas, armazenadas, narradas e divulgadas em formato de livros e em suporte de mídias digitais.

Esse narrador contemporâneo⁶ faz uso das tecnologias de informação e é influenciado pelos meios de comunicação que o cerca (GERLIN; SIMEÃO, 2015), podendo estender a sua arte para o ciberespaço⁷. Apropriando-se dos avanços trazidos pela *World Wide Web*, ambiente em rede da internet, utiliza uma diversidade de recursos com a finalidade de trabalhar com a divulgação de seus produtos e serviços (FLECK, 2007).

A internet é uma ferramenta realmente nova ao mesmo tempo em que é extremamente potente no que concerne a viabilização da comunicação dos sujeitos em redes livres e autônomas, assim como, no que toca a realização da busca de informações da área narrativa. Porém, o seu acesso ainda é desigual e comunidades e países inteiros ainda são excluídos de seus benefícios (CASTELLS, 2003). Existe carência de estrutura tecnológica e necessidade de desenvolver competência em informação (CoInfo), de forma a viabilizar um aproveitamento maior dos recursos que a grande rede oferece principalmente em termos de recuperação e uso da informação.

³ No século XXI, o contador de histórias atua nos territórios das bibliotecas, das escolas, da internet e de outros espaços de mediação da leitura (GERLIN, 2015).

⁴ A atividade do contador de histórias penetra nos centros urbanos, no interior e nas comunidades mais tradicionais, definindo, assim, ao longo dos séculos XX e XXI uma profissão que se fortalece com a prática da narrativa oral (MATOS, 2014).

⁵ “A história, a que também chamo de conto, pode ser definida como texto empírico proferido oralmente no ato de narrar e considerada um texto produzido na forma oral, mesmo que anteriormente tenha sido concebida na modalidade escrita” (MORAES, 2012, p. 15).

⁶ A expressão “contador de histórias contemporâneo” geralmente referencia o sujeito narrador que atua nos grandes centros, adquirindo técnicas em cursos e outros eventos (BUSATTO, 2011). Entretanto, consideramos como narrador contemporâneo tanto o narrador de histórias que aprende artesanalmente o ofício (no seio de sua comunidade em que atua), quanto aquele que participa de cursos de formação no meio urbano (aperfeiçoando-se profissionalmente para atuar em escolas, bibliotecas, web, etc.) (GERLIN, 2015).

⁷ Também conhecido como espaço virtual, fortalece o uso de recursos tecnológicos (computadores, celulares, etc.) que facilitam as conexões dos atores sociais, viabiliza a reinvenção de um espaço em que se “Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal [...] desprovida de significado central, esse sistema de desordem, essa transparência labiríntica” virtual (LÉVY, 2010, p. 113).

A CoInfo é um processo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e habilidades específicas adquiridas ao longo da vida, bem como, um compromisso do livre acesso e uso crítico da informação e geração de conhecimento (BELLUZZO, 2013). Representa um entendimento acerca da identificação de habilidades que tornam possível a busca, a recuperação e o uso efetivo da informação. Essa definição coloca em questão um aprendizado permanente do contador de histórias ao considerar as estruturas de comunicação que são apreendidas cotidianamente (BELLUZZO; FERES; KOBAYASHI, 2004).

As habilidades (saberes, fazeres e atitudes), componentes da CoInfo desse narrador profissional, permitem a disseminação de histórias fantásticas em regiões interioranas e urbanas, atingindo bibliotecas, escolas, praças, ciberespaço (espaços em que a oralidade tende a se fortalecer virtualmente e presencialmente com a mediação da informação narrativa). Entre o era uma vez e as mais variadas tecnologias, busca interagir com um (con)texto diferenciado na página de um livro e na tela de um celular, computador e de outros equipamentos eletrônicos.

Pensar na CoInfo que o contador de histórias profissional, autônomo remunerado ou sem remuneração específica⁸, adquire, requer considerar a existência de habilidades imprescindíveis numa sociedade potencialmente conectada por redes. Diante do exposto, essa comunicação dá visibilidade a uma frente de pesquisa⁹ que teve como objetivo averiguar as habilidades que os contadores de histórias possuem para o desenvolvimento da competência no campo da informação, ao tornar visíveis conexões em redes voltadas para a prática profissional no Estado do Espírito Santo (ES).

2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

As ações da pesquisa inicialmente tiveram como base o modelo IDEAS (SIMEÃO; PROENÇA, 2011)¹⁰, culminando na estruturação dos “Indicadores de perfil e contexto das competências dos contadores de histórias do Estado do Espírito Santo” que compreenderam o

⁸ Alguns contadores de histórias não recebem remuneração específica, contudo dedicam-se a prática da narrativa oral ao atuar em espaços fixos, como escolas e bibliotecas, buscando uma formação específica para isso (GERLIN, 2015).

⁹ Resultado da pesquisa de doutorado registrado na tese “No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB), compreendida entre o segundo período de 2012 e o segundo período de 2015.

¹⁰ O modelo IDEAS (Indicadores de Inclusão Digital e Informacional direcionada à saúde) partiu de três indicadores (interatividade, hipertextualidade e hipermediação) ao avaliar aspectos dos formatos de documentos na web, ao ampliar o debate dos conhecimentos produzidos no campo da Competência em Informação. Com isso, envolveu em eventos como oficinas Agentes Comunitários da Saúde (ACS) de Sergipe e Brasília, juntamente com pesquisadores da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e Universidad Complutense de Madrid (GERLIN, 2015; SIMEÃO; PROENÇA, 2011).

perfil profissional, o contexto da atuação cultural e da competência narrativa¹¹. Abarcaram também elementos da competência em informação e da conexão em redes dos sujeitos narradores. Essa comunicação especificamente faz um recorte dos resultados do indicador do perfil profissional e do indicador que compreende os contextos da competência em informação e da conexão em redes (GERLIN, 2015).

A coleta de dados foi possibilitada pela aplicação de um questionário contendo indicadores de perfil e contexto, sendo apoiada pela realização de entrevistas individuais e coletivas realizadas em eventos¹² para a consolidação da análise. Procede-se, então, a apresentação de resultados que se consubstanciam mediante ao envolvimento de 68 contadores de histórias¹³ em um processo de diálogo.

A seguir serão destacadas as falas associando-se com dados quantitativos, obtidos com a aplicação do questionário, complementando uma análise mais efetiva das ações desse profissional mediador no contexto da pesquisa.

2.1 Indicadores de perfil

A maioria dos narradores de histórias pertence ao sexo feminino (89,70%)¹⁴ e possui até 50 anos de idade (85,30%)¹⁵. Por conta do exercício de atividades paralelas à área da contação de histórias desenvolvida por todos os sujeitos narradores da pesquisa, identificou-se a predominância da formação superior de graduação (30,88%) e de pós-graduação (61,76%), tornando visível que boa parte dos narradores possuem cursos de pós-graduação em nível de especialização completa (52,94%), seguido por mestrado (7,35%) e doutorado (1,47%):

Fiz mestrado na área de Ciências Sociais e antes trabalhava em serviços de escritório. Depois fui pra sala de aula porque eu achava que era algo melhor pra mim. E quando fui trabalhando com sociologia, dei a devida importância ao processo histórico da sociedade (Contador de histórias Perere).

Tenho especialização em Biblioteca Escolar e Mestrado em Ciência da Informação. Acho que a formação profissional auxilia, desde a graduação e talvez a minha área

¹¹ A competência narrativa do contador de histórias contemporâneo possibilita o desenvolvimento da atividade cultural que por ele é desenvolvida, sendo composta por habilidades específicas (saberes, fazeres e atitudes) adquiridas por meio da experiência e em atividades de formação promovidas em seminários, chats, cursos, blogs, oficinas e outras estruturas de aprendizagens formais e informais que estejam ao seu dispor (GERLIN, 2015).

¹² Foi utilizada como estratégia a criação de espaços de interação em eventos de pesquisa e extensão organizados ao longo do processo de investigação. Por meio de diálogos, estabelecidos em ações como palestras, oficinas e outras, estabeleceu-se contato com os sujeitos narradores (GERLIN, 2015).

¹³ Dentre os quais 19 sujeitos narradores concordaram espontaneamente participar dos processos de entrevistas e eventos para consolidação das análises, sendo identificados nessa comunicação os contadores de histórias como Fernandes, Moraes, Perere e Valadares, assim como, as contadoras de histórias como Biancard, Bossoes, Uliana, Broseguini, Célia, Kruger, Perere, Pereira, Mendonça, Helena, Samôr, Santos, Sampaio, Varejão e Magalhães.

¹⁴ 10,30% pertence ao sexo masculino.

¹⁵ 1,47% possui até 20 anos e 13,23% mais de 50 anos.

específica, tenha me levado pra isso [narrativa oral] por eu ser apaixonada por trabalhar com o visual (Contadora de histórias Uliana).

Faço especialização na área de Gestão e Administração de Bibliotecas [...]. Meu ensino médio foi Auxiliar Técnico em Administração. Acho que a Biblioteconomia [fala] por si só, pois quando você vai para a biblioteca escolar, como no meu caso que trabalhei a vida toda nesse espaço, a gente acaba tendo que desenvolver a narrativa de histórias (Contadora de histórias Pereira).

Das instituições que forneceram espaços para a formação na área da narrativa oral destacam-se a universidade (47,05%), a escola (35,29%), a livraria (16,17%) e os programas institucionais (30,90%) como o Grupo Experimental da Universidade Federal do Espírito Santo (GECHUFES) e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)¹⁶. Outras instituições (25%) foram apontadas como viabilizadoras de eventos de formação para esse profissional mediador, destacando-se as faculdades, Secretarias de Educação e Cultura, instituições religiosas e a biblioteca pública.

Procuro sempre estar participando das formações, sempre estar buscando capacitações e trocar com pessoas como o Fabiano de Moraes. Porque quando tem curso aberto eu faço. Eu já tive a oportunidade de estar com a Gab Kruger numa contação de histórias na FAFI¹⁷. Uma das histórias que eu conto, por exemplo, é do Fabiano Moraes, não sei se você teve a oportunidade de ouvir, é a história do “Corcunda pobre e do corcunda rico”, eu aprendi a contar ouvindo a narrativa dele (Contador de histórias Fernandes).

Fiz dois cursos um no início que eu não lembro com quem e esse último que vocês promoveram na Ufes com o João Vitor¹⁸ que já conhecia da Biblioteca Pública. Você mapeou a gente pelo curso e por que eu vim? Porque já gostava da área da contação de histórias e vi que eu poderia me capacitar pra trabalhar na escola. E sabendo quem era e quem ia dar a oficina foi tranquilo [...] (Contadora de histórias Célia).

O crescimento da profissão do contador de histórias brasileiro ocorreu devido a uma intensificação do processo de narrar no final do século XX (MATOS, 2014), culminando no oferecimento de inúmeros programas voltados para a narrativa oral. O PROLER contribuiu “[...] para a proliferação dos contadores de histórias no Brasil, haja vista que considerava essa prática fundamental para implementar o gosto pela leitura e o consumo de livros” (FLECK, 2007, p. 222). Em decorrência disso, boa parte iniciou as suas atividades no século XX (30,90%), o que também repercutiu no começo da atividade no início do século XXI (48,50%)¹⁹.

¹⁶ Instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura (FLECK, 2007).

¹⁷ Antiga Faculdade de Filosofia, atualmente Escola Técnica de Teatro, Dança e Música, pertencente a Secretaria de Cultura de Vitória (ES) que na ocasião sediava a Biblioteca Municipal de Vitória.

¹⁸ Ator e contador de histórias que atua como voluntário do Projeto de Extensão *Informa-Ação e Cultura*, sendo responsável pelas oficinas de contação de histórias oferecidas para a comunidade interna e externa à Ufes (GERLIN, 2013).

¹⁹ 20,60% não responderam a essa questão.

No PROLER as iniciativas ligadas à narrativa oral incluíram o Estado do ES em um contexto de capacitação do profissional narrador de histórias (MAROTO, 2009). Paralelo a esse programa, destacam-se atividades do campo da extensão universitária, como, por exemplo, do GECHUFES que trabalhou com formação de contadores de histórias no século XX e início do século XXI (GERLIN, 2013). Na ocasião a meta do PROLER foi ao encontro das atividades do grupo experimental ligado à Universidade, tendo em vista que ambos pregavam a ideia de democratização da leitura, perpassando os territórios²⁰ das bibliotecas, das escolas e de outros espaços de mediação da leitura e de divulgação da prática narrativa (GERLIN, 2015).

Foi uma surpresa quando os movimentos começaram a se tornar públicos, porque eu sempre fui uma pessoa extremamente tímida. O maior desafio do PROLER foi um movimento grande que a Biblioteca Nacional empreendeu no final da década de 90, de incentivo à leitura. O maior desafio pra mim foi vencer a timidez. Não só a timidez, mas eu acho até que é um pouco de orgulho, sabe? Medo de errar em público. Então hoje eu acho que aprender a contar histórias em público foi uma prova de humildade (Contadora de histórias Sampaio).

Desde 1996 [...], após a criação de um projeto de extensão a gente viu a necessidade de abrir essa área de formação dentro da Universidade. Bem no frígido dos ovos, do surgimento, vem o PROLER e inúmeros programas de formação de leitores tanto pra professor leitor quanto para estudantes leitores. E a gente começa, então, a trabalhar com um projeto de extensão nessa área. Depois da comemoração dos 100 anos de Malba Tahan, surge, então, o Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Ufes - GECHUFES (Contadora de histórias Biancardi).

Particpei do PROLER como formadora em Pancas, Montanha, Mantenópolis, Pinheiros, mais na parte norte do Estado. [...] Tinha o material que a gente preparava. O pessoal gosta muito de apostila, a gente gosta muito de papel, não é? Até a SEDU²¹ cobrava o recurso material e tinha que deixar lá pra eles. Eu tinha que ir lá e passar pela assessora: - *Qual o recurso didático?* Como ensinar a arte de cantar e contar histórias. Como incentivo à leitura eu botava algumas músicas chaves, acumulativas, músicas de domínio público (Rosário Varejão).

Praticamente todos os contadores de histórias que participaram da pesquisa estabelecem ou estabeleceram algum tipo de ligação profissional com a área da contação de histórias (100%), envolvendo-se em algum momento da vida profissional diretamente com práticas de mediação e de incentivo à leitura. A maior parte ainda exerce a atividade no campo da contação de histórias (77,95%) e desenvolve atividades paralelas (67,65%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Atividades paralelas e atuação no campo da contação de histórias

²⁰ Refere-se aos territórios de atuação, palco de desenvolvimento do trabalho do contador de histórias que perpassa o espaço físico demarcado institucionalmente e dá passagem para processos de mediação e para o encantamento na escola, na biblioteca, no ciberespaço, levando a acreditar que o trabalho seja permanente (re) criação (GERLIN, 2015).

²¹ Secretaria de Estado da Educação (SEDU) do Espírito Santo.

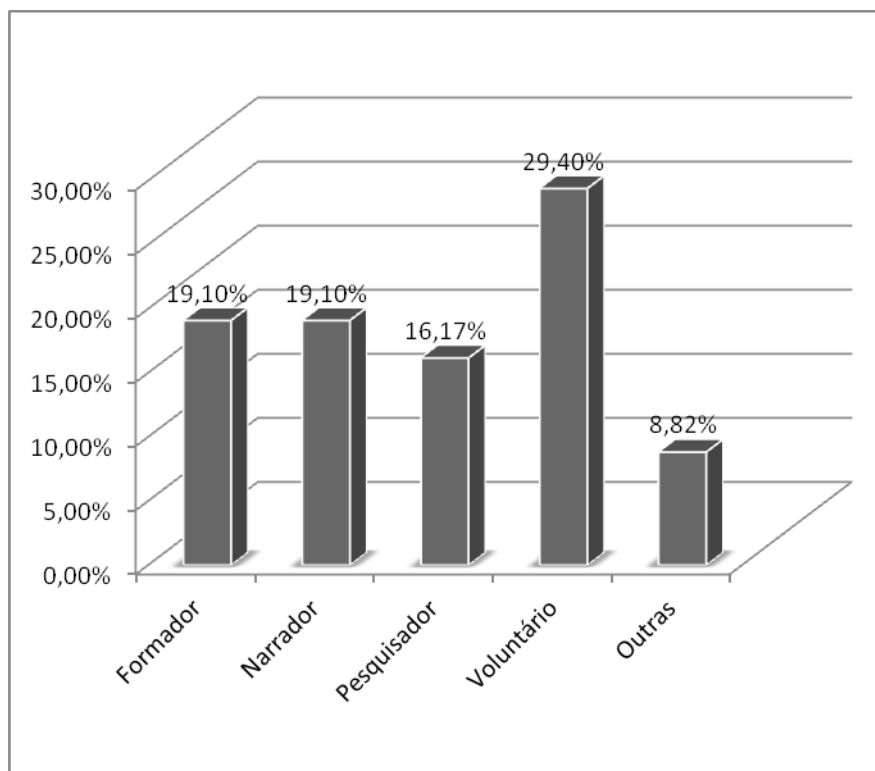
ATUAÇÃO NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	ATUA 77,95%	NÃO ATUA 22,05%	SEM RESPOSTA 0,00%
DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PARALELAS À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	DESENVOLVE 67,65%	NÃO DESENVOLVE 29,40%	SEM RESPOSTA 2,95%

Fonte: Gerlin (2015).

Em termos de atividade paralela à prática de contar histórias também atuam profissionalmente como: professor do ensino fundamental; professor da educação infantil; professor do ensino superior; bibliotecário escolar; advogado; terapeuta; etc. A maior parte não recebe remuneração específica (67,65%), contudo desenvolvem um trabalho fixo em escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, museus e outros territórios. Menos da metade enquadra-se na categoria de profissional remunerado autônomo (32,35%) atuando nesses e em outros territórios esporadicamente na medida em que são contratados.

Para além do desenvolvimento da atividade de narrador (19,10%) esses profissionais, autônomos remunerados ou sem remuneração específica, estabelecem diversos tipos de ligação com a prática de contar histórias. Destaca-se a ligação de voluntário (29,40%) que tanto o autônomo remunerado quanto o sem remuneração específica costuma desenvolver fora dos seus territórios de atuação segundo consta (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Tipos de ligação com a área da contação de histórias



Fonte: Gerlin (2015).

Outras ligações como as de escritor (4,41%), produtor cultural (1,47%) e promotor cultural (1,47%) foram apresentadas por alguns sujeitos narradores, incluindo-se, nesse caso, a contadora de histórias Kruger que também atua como atriz, produtora cultural e ao mesmo tempo empresária. Para dar conta do desenvolvimento das atividades narrativas essa profissional criou uma empresa com a finalidade de gerenciar as ações relacionadas com a contação de histórias.

Eu tinha que fazer uma coisa e eu só ia conseguir se eu amasse essa coisa, tinha que amá-la. E de tanto amá-la surgiu “A mala produções”. E na mala você carrega tudo, não é? E o contador de histórias é praticamente um viajante e o símbolo do viajante é a mala. Juntou tudo isso. [...] Eu até uso uma mala, mas uso mais um baú. Minha marca registrada é um baú. Apesar de eu ser "A mala produções", o baú é o meu xodó. Um bauzão, assim, é o meu xodó. Ele está presente em todas as apresentações (Contadora de histórias Kruger).

O diálogo coletivo estabelecido com as contadoras de histórias componentes do Grupo Chão de Letras amplia a visão dos espaços de atuação da categoria de profissionais autônomos. Tendo em vista que as narradoras participam de um grupo ligado a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), possibilitando que por meio das ações da Biblioteca Pública Municipal de Vitória (ES), atuem profissionalmente em territórios diversificados.

A gente oferece nossos serviços em todos os espaços que a Biblioteca Municipal de Vitória atende, praças, CAJUN²², nos CRAS²³, na feira pública também a gente já se apresentou, na calçada (Contadora de histórias Magalhães).

²² Serviço de Convivência para Crianças e Adolescentes – CAJUN

²³ Centro de Referência de Assistência Social - CRAS

Nós também trabalhamos com dependentes químicos [...]. A gente encontra com eles às vezes na rua tomando conta de carros: - *Tia, você foi lá contar histórias!* Tem uma que me pega no colo e me levanta. Então é muito gratificante, sempre foi (Contadora de histórias Samôr).

Eu já contei também em hospitais [...]. Eu comecei a trabalhar com crianças em hospital que faziam acupuntura e tinham horror da agulha. Eu ia lendo histórias enquanto eram agulhados e deu certo. Isso foi no Hospital das Clínicas²⁴ (Contadora de histórias Bossois).

O trabalho que é realizado pelo contador de histórias profissional sem remuneração específica conduz a observação de uma atuação realizada muitas vezes nos espaços de mediação da escola e da biblioteca, dando visibilidade a uma certa atividade cultural que é desenvolvida em espaços de educação formal. Ao girar geralmente em torno da criação de práticas de incentivo à leitura, a atividade narrativa realizada na biblioteca da escola é apresentada pela contadora de histórias Mendonça: “Quando seleciono algo para os alunos objetivando o incentivo à leitura, está ligado a esse objetivo. O que vai chamar a atenção dos alunos para alguma coisa, como, por exemplo, trabalhar com o tema ‘diversidade’ ao desenhar o próprio rosto” após o momento de narrativa de histórias.

Tanto o contador de histórias autônomo remunerado quanto o sem remuneração específica pode expandir a sua prática no ciberespaço com o uso de computadores e outros recursos eletrônicos, ampliando, assim, a capacidade de armazenamento da memória narrativa com o uso de “[...] recursos infinitos. Devido a eficiência de representação de palavras e números no formato digital, **pode-se** armazenar e recuperar quantidades de informação muito além do que antes era possível” (MURRAY, 2003, p. 88, grisso nosso).

A identificação de que uma pequena parcela dos contadores de histórias (14,70%)²⁵ desenvolve efetivamente o seu trabalho no espaço virtual, conduz a necessidade de dominar as ferramentas que possam auxiliá-los na navegação desse espaço ainda pouco explorado e potencializado pela *web*. Tendo em vista que o contador de histórias contemporâneo precisa interagir com um número cada vez maior de pares, público e outros sujeitos que fazem parte de uma aldeia global, esse profissional precisa adquirir competência no campo da informação a fim de aproveitar os recursos que essa grande rede oferece.

2.2 Indicadores do contexto da competência em informação

A CoInfo é importante na vida profissional do contador de histórias, de forma que se possa agregar valor aos produtos e serviços que são constantemente oferecidos em sua rede de

²⁴ Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (Hucam), foi incorporado à Ufes com a denominação de Hospital das Clínicas.

²⁵ 69,10% não desenvolve o trabalho no espaço virtual e 16,20% não respondeu a essa questão.

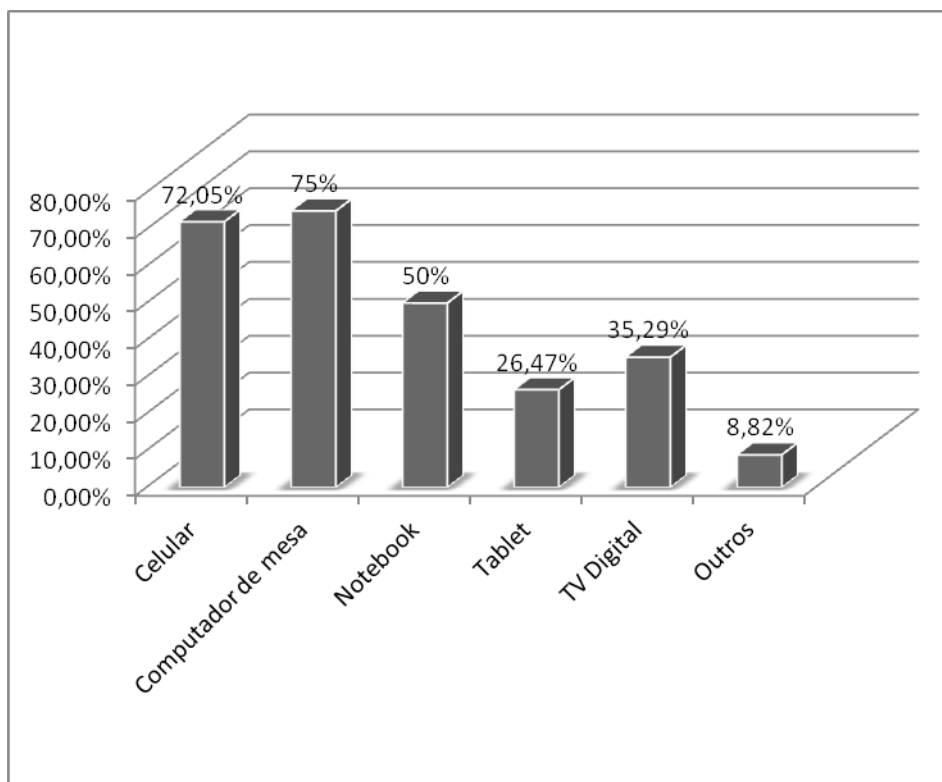
comunicação (BELLUZO, 2007). A rede social, entendida como um conjunto de nós interconectados, responsáveis pelo entrelaçamento de uma diversidade de atores em contextos híbridos (presenciais e virtuais) (UGARTE, 2008), acaba sendo um elemento importante para a análise desse indicador. Tendo em vista que essa antiga estrutura de comunicação hoje se alimenta não apenas das relações sociais, mas também pela estrutura da internet e das mídias sociais (CASTELLS, 2003), os contadores de histórias do Projeto Colorir contextualizam a importância da internet e os benefícios por ela trazidos:

A internet é uma coisa nova e quando a gente ganhou esse presente [...] em 2003, quando a pessoa disse olha vocês podem mandar um e-mail dizendo o que vocês estão pensando, a gente não tinha nem computador e a gente ficou pensando o que será esse negócio de e-mail (Contadora de histórias Santos).

A nossa parte tecnológica é muito elogiada por jornalistas, por quem acompanha as mídias sociais, porque a gente tem esse cuidado de estar sempre atualizando, colocando informações novas. A gente está sempre de alguma forma interagindo com as comunidades (Contador de histórias Fernandes).

O conhecimento de informática possibilita o uso de computadores e outros equipamentos eletrônicos, comumente definidos pelos narradores da pesquisa como importantes para a comunicação em rede. No contexto da pesquisa identificaram-se sujeitos narradores que se utilizam com competência dos equipamentos eletrônicos, utilizando-se mais do celular (72,05%) e do computador de mesa (75%) para acessar aos recursos que as redes digitais oferecem (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Equipamentos mais utilizados para o acesso á rede digital



Fonte: Gerlin (2015).

Com o uso das novas tecnologias o contador de histórias pode fortalecer a sua rede de comunicação, bem como, potencializar processos de buscas que giram em torno da informação narrativa. Inteiramente ligado a uma tradição que possibilita o resgate da narrativa oral, o contador de histórias reconhece a importância que as tecnologias de informação exercem em sua área de atuação.

Eu acho que a gente está resgatando a contação de histórias. Teve uma exposição aqui [... que] tinha uma caixa preta e nessa caixa preta tinha um celular em cima, não esqueço dessa exposição, e pelo celular você via tudo o que estava dentro daquela caixa, que eram coisas antigas (Contadora de histórias Perere).

Perante a constatação de que a maioria dos contadores de histórias precisa executar tarefas simples (94,11%) com seus equipamentos²⁶ e utilizar as mídias sociais para comunicar-se (88,24%), identificou-se a intensidade do uso das mídias sociais por um pouco mais da metade dos contadores de histórias que as usam várias vezes por dia (57,35%)²⁷. As mídias sociais mais utilizadas são as redes de relacionamento como o Facebook (79,41%), redes de compartilhamento de vídeos como o Youtube (69,11%) e o e-mail (58,82%). Quase todos os narradores fazem uso de aplicações de acesso à internet (95,58%), aproveitando o acesso a essa grande rede para buscar informações de seu interesse (95,58%). As aplicações de acesso

²⁶ Foram consideradas tarefas simples: entender mensagens operacionais que as máquinas emitem (57,35%), copiar arquivos e pastas (83,82%), modificar área de trabalho (58,82%), criar diretórios (47,05%), imprimir textos e imagens (83,82%), etc.

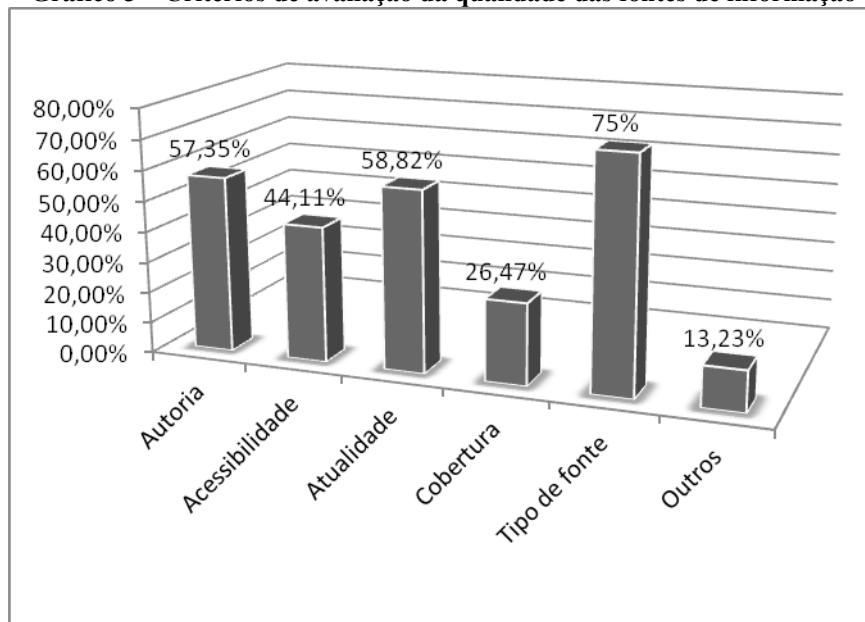
²⁷ Enquanto uma minoria, 1,47% quase não usa as mídias sociais, 30,88% usa uma vez por dia e um total de 10,30% não respondeu a essa questão.

mais citadas foram o correio eletrônico (89,70%), mensagens instantâneas (83,32%) e navegadores (77,94%).

Verificou-se que os sujeitos da pesquisa são capazes de localizar a informação desejada (95,58%), selecionam a informação por grau de importância (94,11%) e detectam palavras chaves no processo de busca (94,12%). Em relação aos recursos utilizados para o acesso à informação na web, a análise dos indicadores tornou visível que buscadores como o Google (97,05%) são diretamente mais utilizados do que as bibliotecas virtuais (61,76%), periódicos *on line* (52,94%), páginas webs (38,23%), blogs (39,70%) e *wikis* (32,70%). Ainda assim, percebeu-se que mais da metade dos contadores de histórias fazem o uso de periódicos digitais e bibliotecas virtuais que de maneira geral auxiliam no processo de acesso à informação.

A investigação de como avaliam e verificam a qualidade das fontes selecionadas apontam para os critérios de avaliação mais utilizados, com a finalidade de identificar a qualidade da informação selecionada. Os tipos de fontes (75%), autoria (57,35%) e atualidade (58,82%) são os critérios mais cotados entre esses sujeitos mediadores (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Critérios de avaliação da qualidade das fontes de informação



Fonte: Gerlin (2015).

Percebe-se que a maioria possui competência no que se refere ao acesso à informação nas redes digitais, bem como, para avaliar a informação em função das suas necessidades. Mesmo assim, esse sujeito ainda deve atualizar-se com os processos de busca que permitem o acesso à informação de forma a possibilitar uma melhor produção, organização e

disponibilização da informação narrativa em suas redes de relacionamentos voltadas para a profissão.

2.3 Indicadores do contexto das conexões em redes

De maneira geral os narradores participam de alguma rede social voltada ou não para a área da narrativa oral, sendo bastante destacada a utilização de redes de relacionamentos, como o Facebook, possibilitadas perante o acesso crescente à internet (UGARTE, 2008). A maior parte não participa de redes presenciais ou virtuais caracterizadas como comunidades de aprendizagens direcionadas para a arte de narrar presencialmente ou virtualmente (79,41%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Participação em redes sociais (presenciais e virtuais) da área

	REDE PRESENCIAL	REDE VIRTUAL
Participa	19,12%	17,65%
Não participa	79,41%	79,41%
Sem resposta	1,47%	2,94%
Total:	100%	100%

Fonte: Gerlin (2015).

Mesmo que o percentual de utilização de redes sociais voltadas para a profissão do contador de histórias seja baixo, percebe-se um crescimento exponencial no que se refere à participação desse ator social em redes de relacionamento, principalmente quando a meta é atingir as conexões de amizade: “Muitas vezes você olha para o amigo de Facebook que nunca viu. E você consegue conversar com ele, manda mensagens e de certa forma você bebe naquela fonte (Contadora de histórias Magalhães)”.

Eu tenho uma rede social de bicicleta, de amigos que se veem. Meu ciclo de amigos está mais voltado para a bicicleta, o pessoal da Ufes [...], da bicicleta, da igreja. Então é uma rede [...] tanto presencial quanto virtual. Temos uma rede no WhatsApp, Facebook e é uma rede de amizade mesmo (Contador de histórias Valadares).

Alguns narradores de histórias utilizam a internet não apenas para se comunicar com seus pares, acaba mantendo o objetivo de compartilhar e/ou produzir informação no campo da contação de histórias. Todavia, declaram aproveitar as redes sociais mais para a divulgação do trabalho no campo da narrativa oral:

Li ontem, por exemplo, um artigo sobre a arte de contar histórias de uma revista, então eu considero a tecnologia importante pra divulgação das nossas tradições. As leituras são curtas e vejo que as pessoas gostam de curtir fotos, vídeos, etc. As pessoas querem uma coisa rápida, um passa tempo pra descontrair (Contador de histórias Moraes).

No que se refere a uma participação em rede presencial ou virtual voltada para qualquer área, o percentual aumentou bastante (60,30%), enquanto um percentual considerável disse não participar (35,29%)²⁸. Os contadores de histórias afirmam utilizar ou já terem utilizado redes sociais nos mais variados formatos: Roda de histórias (portal digital); Grupo Chão de letras (grupo presencial); Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Ufes - GECHUFES (formação presencial); Projeto Colorir (formação presencial e virtual); Encontros de formação da Rede de Bibliotecários da PMC (grupo de discussão presencial e virtual); vários grupos do WhatsApp e Facebook (grupos virtuais); etc.

Eu considero que a vivência no GECHUFES foi extremamente importante para a minha atuação profissional. Primeiro porque a primeira atuação profissional foi nas escolas da PMV. Lembro da gente chegando nas escolas, no próprio grupo de Revitalização²⁹ que tinha uma professora que contava histórias. Então uma das ações nossas nas escolas era a contação de histórias. E não só contávamos, mas nós também descobríamos crianças, adolescentes e jovens que gostavam e incentivávamos eles a contarem. Fazíamos muitas vezes intercâmbios com outros bibliotecários que contavam em outras escolas [...]. Essa vivência foi muito intensa dentro daquele momento em que nós participamos do Projeto de Revitalização, porque a biblioteca era o espaço por onde entravam os projetos da Secretaria de Educação. Para a minha vida profissional esse momento foi riquíssimo (Contadora de histórias Broseguini).

Percebe-se que mais da metade dos narradores utiliza informações atualizadas e voltadas para a narrativa oral nas redes de seu interesse profissional (54,41%)³⁰ e a maior parte dos contadores de histórias (63,24%) não usa a internet para divulgar informação atualizada nas redes de comunicação. Um percentual significativo de narradores usa a rede digital (internet) para divulgar informação relacionada com a contação de histórias (33,82%)³¹.

Vejo como uma ferramenta para alcançar os objetivos planejados, por meio da internet, nessa rede consegue-se acessar documentos, vídeos e outros para incrementar o seu dia a dia de trabalho e conseguir também dialogar com seus pares. Uso também pastas no computador, disponibilizo no e-mail, mas prefiro o pen drive. Utilizo um link pelo Facebook, realmente assim não fica pesado realmente compartilho também informações no grupo de Bibliotecários da PMC (Contadora de histórias Helena).

O contador de histórias beneficia-se com a transferência de informações eletrônicas proporcionadas digitalmente pelos computadores em redes (internet). Essas questões envolvem a necessidade de pensar formas de o contador de histórias aprender autonomamente

²⁸ 42,65% afirmam não utilizar e 4,41 não responderam essa questão.

²⁹ Refere-se ao *Projeto de Revitalização dos espaços escolares* da Secretaria Municipal de Educação de Vitória (PMV/ES), em que a arte de contar de contar histórias foi explorada por dinamizadores (bibliotecários e professores) do ensino fundamental (GERLIN, 2006).

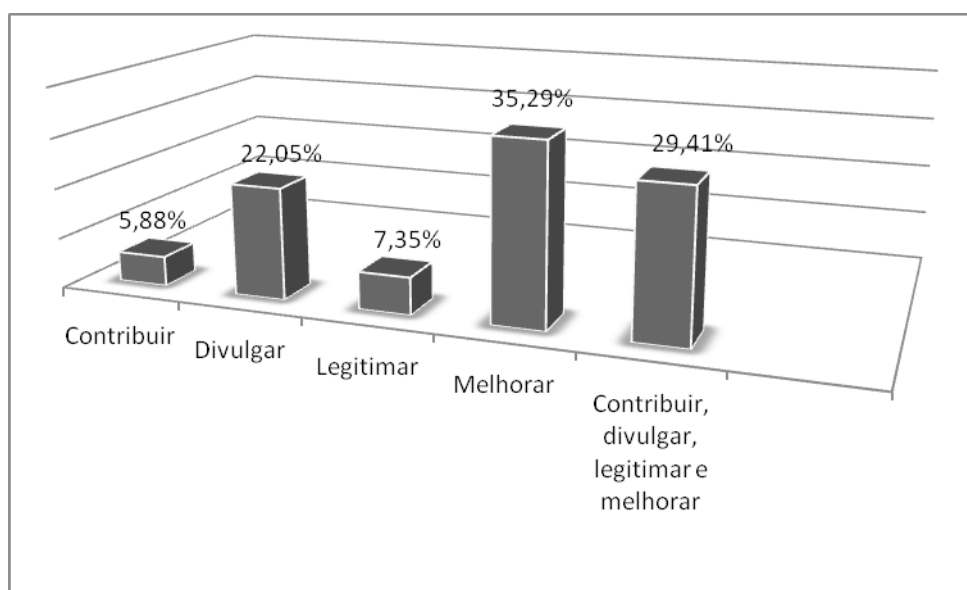
³⁰ 2,94% não responderam essa questão.

³¹ 2,94% não responderam essa questão.

em redes colaborativas, assim como, de se integrar regionalmente e globalmente na medida em que começa a trabalhar nas redes sociais a divulgação de produtos e serviços. De vagar a divulgação dessa prática profissional possibilita a troca de experiências, busca e compartilhamento de informações e movimentos de produção de conhecimento (GERLIN, 2015).

Acerca do compartilhamento de algum tipo de informação multimídia (som, texto e imagem) nas redes digitais, um pouco mais da metade dos contadores de histórias dedica-se ao compartilhamento de informação multimídia na internet (61,76%)³². A maior parte expõe que o acesso à internet torna possível buscar informações relacionadas com a narrativa oral (76,48%)³³ atribuindo, com isso, uma importância às redes digitais. Quase todos os narradores consideram o acesso à informação nas redes digitais importante para a sua área de atuação (88,24%)³⁴. Avaliam que as redes digitais são importantes para melhorar (35,29%) e divulgar (22,05%) a sua arte, contribuindo, igualmente, para a legitimação da sua profissão e para o reconhecimento da prática que desenvolvem profissionalmente (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Importância atribuída às redes digitais



Fonte: Gerlin (2015).

Boa parte dos narradores (67,65%) consegue visualizar positivamente a constituição das redes existentes na área da contação de histórias³⁵. O aumento da participação em redes

³² 16,17% não costuma compartilhar e 2,94% não respondeu essa questão.

³³ 16,17% afirma que a internet não torna possível buscar informação da área da narrativa oral e 7,35% não respondeu essa questão.

³⁴ 8,82% não considera importante e 2,94% não respondeu essa questão.

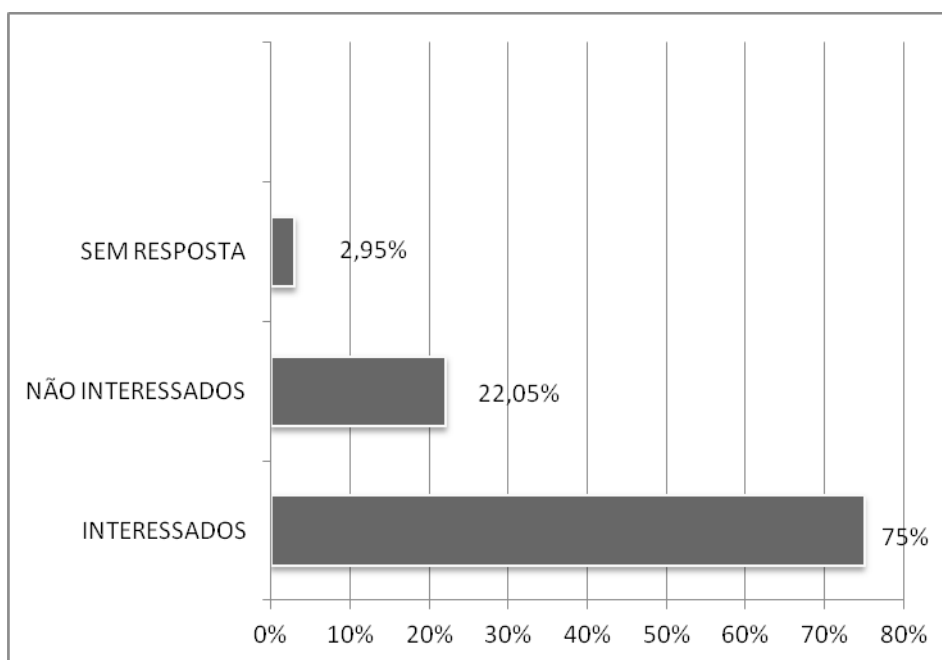
³⁵ 25% sequer visualizar a constituição das redes na área da contação de histórias e 7,35% não respondeu essa questão.

sociais (potencializada ou não pelas tecnologias) é uma realidade a partir do final do século XX.

A maior parte (92,65%) considera importante participar de eventos presenciais como oficinas e seminários que abordem o tema da competência narrativa³⁶. Esses eventos acabam possibilitando trocas de experiências e o aprimoramento das técnicas que possuem em redes de comunicação.

Percebe-se, com isso, que o planejamento de uma rede de colaboração voltada para as necessidades do contador de histórias do Estado do ES se faz necessária. Ao entender que uma rede como essa deverá privilegiar o polo da conexão presencial e virtual, verificou-se o grau de interesse dos sujeitos narradores em participar de sua estruturação (75%) (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Interesse em participar da rede colaborativa



Fonte: Gerlin (2015).

Tendo em vista a necessidade de criação de ações que possam discutir a CoInfo e a competência narrativa desse profissional, a resposta a principal pergunta, feita ao final do processo de preenchimento dos questionários e em meio os diálogos das entrevistas, fora satisfatória. Houve, então, por parte dos narradores de histórias, o interesse em participar da rede que esta pesquisa propõe e o quão importante ela seria para a prática profissional desses sujeitos que necessariamente perpassa a conexão dos narradores de histórias em redes de variados formatos.

³⁶ 1,47% não consideram importante e 5,88% não respondeu essa questão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partir da análise dos resultados dos indicadores do perfil profissional, do contexto da competência em informação e do contexto da conexão em redes do contador de histórias do Estado do ES, amplia-se o debate dos conhecimentos produzidos pela Ciência da Informação no campo da CoInfo. Ao articular a competência no campo da informação e da narrativa oral, as ações desse profissional são destacadas ao potencializar o papel de um mediador que atua em uma diversidade de territórios de educação e cultura.

A análise do indicador do perfil profissional possibilita a percepção de um grupo composto em sua maioria pelo sexo feminino. Ocasiona no estabelecimento de parâmetros, para entender os movimentos que são feitos em torno das competências adquiridas nos territórios de atuação e formação (competência narrativa) de um contador de histórias autônomo remunerado ou sem remuneração específica.

Permite compreender que esse narrador busca adquirir habilidades que conduza a uma ampliação da prática cultural nos territórios de atuação e a produção de conteúdos necessários para uma formação dotada de relevância. Fato que aponta para a necessidade de uma mudança de foco, de entendimento e de aceitação de outras perspectivas de aprendizado perante o acesso às redes de colaboração digitais e presenciais. Esse acesso permite ainda fazer fluir uma conexão interativa e o compartilhamento de informações de interesse da classe desses profissionais que trabalha como mediador de práticas de incentivo à leitura.

Para esses sujeitos narradores que se iniciaram na arte de contar histórias ao final do século XX e início do XXI, torna-se necessário conciliar a competência no campo da narrativa e da informação de forma a desenvolver o seu trabalho em contextos híbridos e melhor explorar o espaço virtual. Também fornece parâmetros para melhor entender as mudanças impostas a sua profissão que, de maneira geral, se encontra em permanente transformação e (re)constituição.

A análise dos dados tornou possível um entendimento coletivo sobre CoInfo e de como se dá a articulação dos seus *saberes, fazeres e atitudes* no Estado do ES. Assim sendo, identificaram-se sujeitos narradores que se utilizam com competência dos equipamentos eletrônicos (celular, computador, etc.) e que se apropriam de recursos que as redes digitais oferecem. Sabe-se que a maioria executa tarefas simples com seus equipamentos e, com isso, usa facilmente as mídias sociais para comunicar-se. O fato de que mais da metade dos narradores da pesquisa acessam as mídias sociais várias vezes ao dia auxilia na divulgação dos produtos e serviços oferecidos pelo contador de histórias espírito santense. Entretanto,

torna-se necessário em ações futuras trabalhar melhor a articulação da competência de narrar com a CoInfo.

Quase todos os narradores fazem uso de aplicações de acesso à internet, aproveitando, com isso, os benefícios que essa grande rede oferece para buscar informações de seu interesse. Esse ambiente oferece ferramentas essenciais ao narrador de histórias do século XXI, no que se refere ao processo de busca e recuperação da informação narrativa. Como os contadores de histórias avaliam e verificam a qualidade das fontes selecionadas, conduz às amostras dos critérios mais utilizados para a avaliação da qualidade da informação. Indica que a maioria possui competência nesse campo ao julgar a relevância da informação em função de suas necessidades.

A conexão em redes está relacionada com a CoInfo do sujeito narrador, auxiliando no entendimento de como buscam e compartilham informações nas redes sociais e digitais potencializadas pela internet. Mesmo assim, depreende-se que o contador de histórias contemporâneo deve aprimorar as estratégias de busca, acesso e recuperação de informações voltadas para a sua prática já que na categoria da conexão em rede visualiza-se ainda uma baixa participação em ambientes de colaboração de interesse de sua atuação. Todavia, identificou-se que há uma boa aceitação no que se refere ao processo implantação de uma rede de colaboração pelos sujeitos que participaram desse processo de pesquisa.

A análise dos resultados dá visibilidade a um conjunto de habilidades que compõem a CoInfo dos contadores de histórias da região em que foi realizada, ao constatar que esses profissionais compartilham a informação narrativa em espaços presenciais e virtuais, porém, que, ainda assim, precisam ampliar a sua participação no ciberespaço, aprendendo a compartilhar informação e conhecimento produzido em redes. Apesar dessa fase da investigação ser realizada no ES, entende-se que o movimento de apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação que alimentam as redes dos narradores, tende a se aproximar em diversas regiões brasileiras com a potencialidade da colaboração que internet proporciona.

Por fim, constata-se que os contadores de histórias são possuidores de habilidades que constituem as suas competências no campo da narrativa e da informação, passíveis de serem compartilhadas em espaços presenciais e virtuais de diversas regiões, porém, que, ainda assim, precisam aprimorar estratégias de busca, acesso e recuperação de informação para uma conexão mais efetiva em suas redes de colaboração.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação: vivências e aprendizados.

In: BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). **Competência em informação**: de reflexões as lições aprendidas. SP: FEBAB, 2013. p. 65-80.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de mapas**: desenvolvendo competências em informação e comunicação. 2. ed. Bauru, SP: Cá Entre Nós, 2007.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; KOBAYASHI, Maria do Carmo; FERES, Glória Georges. *Information literacy*: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.6, n.1, p.88-99, dez. 2004. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/etd/article/view/2009>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n23p216/404>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

GERLIN, Meri Nadia Marques Gerlin. No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI. 2015. 325 f., Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19224>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Relatório das atividades do Projeto de Extensão Ideias e Práticas em Informação, educação e cultura. Departamento de Biblioteconomia/Pró-Reitoria de Extensão da Ufes, 2013.

GERLIN, Meri Nadia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. No balanço das redes dos contadores de histórias: a identificação das competências em informação dos narradores contemporâneos. **DataGramZero**: Revista de Informação, v.16, n.2, abr. 2015. Disponível em:<http://www.datagramazero.org.br/abr15/Art_01.htm>. Acesso em: 12 abr. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010. 270 p.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Editora UNESP, Itaú Cultural, 2003.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares; PROENÇA, Déborah. Oficinas de Alfabetização em Informação no contexto da saúde coletiva: explicações sobre a proposta e resultados de sua implementação em Sobradinho. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital**: modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 121-141.

UGARTE, David. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.